

WELTLITERATUR & TRADUÇÃO

Joana Bosak de Figueiredo¹

UTOPIA E (IM)POSSIBILIDADE

As idéias de Goethe e de Ortega y Gasset e a prática de Larbaud

Justificativa: a importância de Larbaud em Ricardo Güiraldes

A intenção do ensaio que se segue é trazer algumas reflexões sobre as relações existentes entre a Literatura Comparada e o conceito de *Weltliteratur*, concernentes à disciplina homônima, desde uma mirada crítica que foi contemplada na tese *A Tradução da Tradição: gaúchos, guaxos e sombras*, defendida no programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS em abril de 2006. Nesse trabalho o objetivo era analisar e compreender através de exemplos da literatura argentina (*Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes) e sulriograndense (*Os Guaxos*, Barbosa Lessa) a construção de uma identidade cultural comum à região platina.

Entretanto, nossos dois autores relacionam-se com suas literaturas respectivas e com outras mais, constituindo exemplos de bons comparatistas. Se Barbosa Lessa poderia ser hoje considerado um verdadeiro multimídia, um franco renascentista, já que além de escritor, foi compositor, folclorista, pesquisador, publicitário, jornalista e fundador de movimento tradicionalista, Ricardo Güiraldes, por seu turno, também foi um homem multifacetado, tendo sido um grande divulgador das letras francesas na Argentina, seja como tradutor, seja como crítico, além de ter participado dos movimentos vanguardistas platinos, tais como os ligados aos grupos das revistas *Martin Fierro* e *Proa*. Ricardo Güiraldes ainda manteve uma sólida amizade com Valery Larbaud, escritor e crítico francês, além de grande tradutor², que teve um impacto profundo em sua obra.

A biografia de Güiraldes demonstra que foi, na prática, um grande cosmopolita. Sua família mudou-se para Paris quando o escritor ainda não contava um ano de vida, e lá permaneceu por quatro anos. Güiraldes voltou falando o francês e o alemão antes do castelhano. Sua relação com Paris permaneceu por toda sua vida, já que seu interesse cultural o levava sempre para lá, além de outros vários destinos nacionais e

¹ Dra. em Literatura Comparada, professora substituta do setor de Teoria Literária da UFRGS.

² Larbaud traduziu, entre outras obras, o *Ulysses* de Joyce para o francês.

estrangeiros³. Além do gosto pessoal, Paris, como capital cultural do mundo, fez esse autor circular entre o meio intelectual da época, levando-o a conhecer vários de seus ícones, como Jules Supervielle, o próprio Larbaud e vários outros poetas e escritores da agitada cidade luz da década de 1920.

Nessa época Paris fervilhava com suas vanguardas literárias, tendo ocorrido uma verdadeira profusão de revistas de crítica e debate literário, como a *Nouvelle Revue Française* e *Le Navire D'Argent*. Valéry Larbaud participava das duas e é na livraria de Adrienne Monnier que vem a conhecer Güiraldes, que por essas datas introduzia, conjuntamente a outros compatriotas seus, voluntariamente exilados, o tango em Paris.

Se Paris tem esse papel de cidade símbolo da cultura, por outro lado, na mesma época, o escritor francês André Malraux dizia ser Buenos Aires a capital de um império imaginário⁴. Tal asserção diz respeito ao fato da capital portenha realmente estar desempenhando naqueles anos um papel de referência continental em termos de desenvolvimento cultural e literário. Ricardo Güiraldes, participante de ambas as realidades, ligado intensamente as duas culturas prática e teoricamente, vem a escrever a obra que foi considerada síntese do regional e do cosmopolita, *Don Segundo Sombra*, publicada em 1926, um ano apenas antes de sua morte. Respondendo a seu crítico Paul Groussac, afirma que se podia *usar chiripá e smoking ao mesmo tempo*, que o problema era não saber usar nenhum dos dois trajes⁵. De toda forma, os estudiosos de sua vida e obra, reconhecem em Güiraldes uma dupla condição de *criollo* e impressionista⁶. Ora, estamos falando de um homem no entrelugar, de um exemplo de comparatista que deu à Argentina um grande símbolo nacional ressemantizado, porque em vias de extinção: o *gaucho*, que de *guacho* passa por todos os rituais de iniciação até tornar-se homem culto e letrado: é a Argentina do futuro, colocando fim à dicotomia civilização *versus* barbárie sarmienteana.

³ No ano de 1919, Ricardo Güiraldes, com um amigo, chegou a dar uma volta ao mundo, tendo visitado diversos países do Extremo Oriente.

⁴ Beatriz Sarlo, em *Modernidad y mezcla cultural* cita Malraux de forma introdutória. Ver in: VÁZQUEZ-RIAL, Horacio. Buenos Aires 1880 – 1930. La capital de un imperio imaginario. Madrid: Alianza Editorial, 1996, pp. 181-212.

⁵ Esses comentários de Güiraldes aparecem na obra biográfica de Ivonne BORDELOIS. Genio y figura de Ricardo Güiraldes. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1966.

⁶ Essa afirmativa aparece em SARLO, Beatriz.. Respuestas, Invenciones y Desplazamientos. In: _____. Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920-1930. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988, pp. 31-67.

A proposta de Larbaud face à tradução e ao internacionalismo

Apesar de não acreditar em influência e sim em um espírito de época, Güiraldes foi profundamente influenciado por Valery Larbaud, seu maior interlocutor depois da esposa, Adelina del Carril. Nosso interesse em Valery Larbaud se dá em duas frentes, que se conjugam: por ser um grande intertexto em Güiraldes e por seu papel ímpar no mundo das letras do início do século XX, como crítico, tradutor e teórico da tradução e do internacionalismo.

Nossa proposta é perceber Larbaud como o cruzamento entre idéias utópicas goetheanas de *Weltliteratur* e assertivas cétricas de Ortega y Gasset em relação a tradução. Se Goethe está presente em nossa discussão desde o seu tema, Ortega, por sua vez, comparece não apenas por seus escritos sobre a impossibilidade e a necessidade da tradução, mas por ter sido, também, um grande estudioso de Goethe e por em 1949, quando do bicentenário do nascimento do autor germânico, haver viajado pelo mundo e inclusive a Alemanha, a dar conferências sobre o *fundador do Romantismo alemão* e *último grande humanista de sua época*, segundo o próprio Ortega.

Se Goethe é um utópico, Ortega y Gasset é um grande cético. Larbaud, por sua vez, consegue apreender em grande parte a essência dos dois mestres e traduzir em seus escritos o que fazer da tradução e a necessidade do internacionalismo literário e intelectual.

Ortega y Gasset: o cético

Em seu célebre artigo sobre a tradução o filósofo e polemista espanhol José Ortega y Gasset mantém sua postura de cético e de problematizador das questões humanas⁷. Segundo ele, a grande diferença entre o homem e os outros animais é a tristeza: quão mais evoluída é a espécie, mais sofre. E a razão da tristeza humana se fundamenta no fato de que qualquer empreendimento da espécie está fadado ao insucesso. Para Ortega, o homem nunca consegue fazer qualquer coisa absolutamente.

E para esse autor, a tradução está inscrita entre os malfadados destinos humanos. A miséria da tradução é o fato de esta não ser factível, é sua impossibilidade, pois jamais um tradutor conseguirá reproduzir em outra língua o que foi dito no texto original: ou se atém à pureza do texto do ponto de vista gramatical, ou preza pela

⁷ ORTEGA Y GASSET, José. Miseria y esplendor de la traducción. In: *Obras Completas*. Madrid: Editorial Revista Occidente, 1970.

demonstração da estética do texto, sendo, desta forma, impossível conjugar os dois objetivos. Para ele, o tradutor é sempre um traidor na medida em que trai o autor de uma maneira ou de outra. Há uma incongruência inicial na tradução, pois nunca duas palavras significam exatamente a mesma coisa.

Entretanto, o próprio Ortega reconhece que, apesar da impossibilidade, a tradução é fundamental: *Me importaba mucho subrayar las miserias del traducir, me importaba sobre todo definir su dificultad, su improbabilidad, pero no para quedarme en ello, sino al revés: para que fuese resorte balístico que nos lanzase hacia el posible esplendor del arte de traducir.*⁸

Desde já o autor deixa claro que a tradução não é uma disciplina, como a matemática, mas uma arte e como tal, fadada ao utopismo, já que para o autor *todo lo que el hombre hace es utópico*⁹. A própria ação anterior à tradução (a fala), já se coloca como uma ação contraditória: ao se falar, se cala, pois *al hablar o escribir renunciamos a decir muchas cosas porque la lengua no nos permite. ¡Ah, pero entonces la efectividad del hablar no es sólo decir, manifestar, sino que al mismo tiempo, es inexorablemente renunciar a decir, calla, silenciar!*¹⁰

Por isso, alguém que não fosse capaz de renunciar a dizer muitas coisas, segundo Ortega, seria incapaz de falar. Para ele, cada língua é uma equação diferente entre manifestações e silêncios, e cada povo cala coisas para poder dizer outras, porque senão tudo seria indizível. Entao daí advém a maior dificuldade da tradução: ela trata de dizer em um idioma precisamente o que esse idioma tende a silenciar. Mas, por outro lado, ao citar Goethe, Ortega pensa que as coisas são diferenças que nós criamos. Desde então, o autor espanhol se remete a Goethe: *Sólo entre todos los hombres es vivido el ser humano*¹¹. Então as línguas não deixam de ser uma grande língua a ser traduzida: este é o esplendor da tradução.

Ao buscar a reabilitação das literaturas grecoromanas através da tradução Ortega y Gasset, mais uma vez, remete à noção de humanismo e de que a literatura de épocas diferentes é ressemantizada por traduções diferentes – algo que Borges também nos diz em *Pierre Ménard, autor de Quijote*. Ao mesmo tempo, a necessidade de novas traduções nos mostra a distância entre o texto e nós mesmos e de como a tradução acaba por ressaltar o aspecto exótico e distante do texto, mas ao mesmo tempo inteligível.

⁸ Idem, p. 437.

⁹ Idem, p. 443.

¹⁰ Idem, p. 443.

¹¹ Idem, p. 444.

Desta maneira, o autor, por mais que insista na idéia da impossibilidade de se traduzir, reitera a impossibilidade de que a tradução não seja feita.

Goethe: o utópico

Ao desviar sua atenção à figura mesma de Goethe, em outro artigo, Ortega se refere a *Goethe que, como todo su tiempo, está escindido en dos mitades entre sí contradictorias. Por um lado Goethe es la expresión mas condensada de las ilusiones europeas iniciadas en el llamado Renacimiento, es la última y mas depurada manifestación del Humanismo*¹². Desta forma, para Ortega, Goethe é meio século XVIII, meio século XIX, como de fato sua vida o foi (1749-1832). Por outro lado, Goethe representa um espírito europeu: ao se falar em Goethe, se está pensando em Europa, em Ocidente. E é por isso que Ortega insiste que Goethe é meio alemão, meio europeu, porque além de tudo, cada homem carrega dentro de si todo o seu passado e toda a sua civilização.

A partir da explicação de Ortega para a personagem histórica que é Goethe fica mais fácil compreender o porquê do germânico ter sonhado com uma *Weltliteratur*: isto era tudo que seu tempo e sua genialidade lhe colocavam como destino à cultura humana, dentro de uma visão maior de uma Europa não mais preocupada com a construção de Estados nacionais, mas com a abertura das fronteiras e a existência de um espírito de época, um espírito europeu, ou então universal. Para Ortega, Goethe é a própria simbolização da cultura ou civilização européias¹³.

Ao não querer ser apenas alemão Goethe, através de suas obras, logrou que toda a Europa se fizesse profundamente alemã. Neste sentido, Goethe provocou um movimento cosmopolita, como signo de um internacionalismo contido em sua idéia de sociedade através de suas obras.

Para Negro Pavon, tradutor de obras de Goethe para o espanhol, *con Goethe termina la modernidad germánica y su misma universalidad anuncia la ascensión de Alemania a sujeto de la historia universal; desde entonces el espíritu alemán comienza a adueñarse de su destino, orgánicamente vinculado al de la humanidad entera*¹⁴.

¹² ORTEGA Y GASSET. Alrededor de Goethe. In: *Obras Completas*. Tomo IX. Madrid: Editoreial Revista Occidente, 1971, p. 604.

¹³ ORTEGA Y GASSET. Goethe y los amigos del país. In: *Obras Completas*. Tomo IX. Madrid: Revista Editorial Occidente, 1971.

¹⁴ NEGRO PAVON, Dalmacio. La Figura de Goethe. In: GOETHE, J. W.. *Escritos Políticos*. Edición preparada por Dalmacio Negro Pavon. Madrid: Editora Nacional, 1982.

O ambiente e a realidade histórica de Goethe fazem-no ao contrário de seu estudioso Ortega, um profundo idealista, um utópico que acredita nas idéias de *Weltgeschichte*, enquanto totalidade da história humana¹⁵ e de *Weltliteratur*, como totalidade da literatura universal.

O problema que se coloca é o da impossibilidade da *Weltliteratur* como Goethe a imaginou em 1827. A realidade histórica fez com que os ideais mundializantes se tornassem cada vez mais difíceis, embora muito se fale em globalização. Ao utopismo de Goethe em relação à *Weltliteratur* e ao ceticismo de seu estudioso, Ortega, em relação à tradução, percebemos a conjunção prática das duas facetas em um mesmo intelectual: Valery Larbaud.

VALERY LARBAUD E A TRADUÇÃO

O Internacionalismo possível

En fronteras sin límites hallarse,
Gustará desaparecer el individuo,
Puesto que allí se disuelve todo hastío.
(...)
Alma del mundo, ven, penétranos!
Después, luchar con el mismo espíritu del mundo,
se tornará suprema vocación de nuestras fuerzas.
Goethe, Uno y todo

Se mesmo em verso Goethe buscava o ideal da comunidade, seus interlocutores de diversas épocas isso perceberam em todos os seus escritos. O pensador espanhol José Ortega y Gasset, ao dar conferência na Alemanha recentemente saída da Segunda Grande Guerra, apontava Goethe como o grande humanista da modernidade¹⁶.

O termo *Weltliteratur*, cunhado pelo filósofo germânico em 1827, explicita sua utopia humanista. A idéia de a literatura mundial ser considerada como um todo indiviso passou a ser perseguida não só por Goethe, mas por vários outros estudiosos da literatura que lhe seguiram, nessa busca da conformação de um ideal literário comum,

¹⁵ Apesar de no momento atual a noção de história estar atravessada pela de fragmentação, a idéia de história mundial continua sendo a pretensão de vários especialistas. Pascale Casanova, em *A República Mundial das Letras*, cita o historiador francês Fernand Braudel como um desses intelectuais empenhados em uma história mundial, que vê a história do homem como uma história comum.

¹⁶ ORTEGA Y GASSET, José.

uma espécie de *República Mundial das Letras*, termo que insere em nossa discussão o poeta, escritor e tradutor francês Valéry Larbaud.

Como homem das letras e amante do humanismo já defendido por Goethe, Larbaud também é o mote de Pascale Casanova em *A República Mundial das Letras*¹⁷, ao ser nomeado como um dos literatos do século XX que se empenhou na busca de uma literatura que tivesse um caráter universalista.

No artigo *Vers L'Internationale*, Larbaud afirma, criticando duramente o manual de Paul Van Tieghem que *as tentativas de descrição da literatura mundial reduzem-se a uma simples justaposição de manuais das diferentes literaturas nacionais*.¹⁸

Este é apenas um dos vários artigos reunidos na coletânea que leva o nome de um artigo maior na obra de Larbaud: *Sous L'Invocation de Saint Jérôme*. Ao homenagear o responsável pela divulgação da Bíblia no Ocidente através da tradução para a *vulgata*, Larbaud debruça-se sobre a análise dos princípios desafios, problemas e prazeres do tradutor.

Embora fique claro que há uma preocupação muito grande de sua parte em relação aos deveres e direitos do tradutor, bem como de até aonde vai a liberdade do tradutor em interpretar a obra a fim de causar o efeito do texto original, Larbaud defende uma noção de recriação do original na tradução. Isso fica muito evidente quando defende escritores como Paul Claudel e Scott Fitzgerald, tradutores polêmicos do ponto de vista da exatidão gramatical, mas que segundo Larbaud tiveram o gênio de, por entenderem intimamente o texto, conseguir causar a emoção desejável em seu trabalho de tradução.

Como teórico da tradução Larbaud foi muito avançado ao perceber que se operava uma recriação do texto original na tradução e que o tradutor, por tanto, era, em primeiro lugar, um leitor que amava e conhecia intimamente o texto original. No seu entendimento, só se traduz o que se lhe dá prazer. Dessa forma análoga ao *Prazer do Texto* barthesiano, podemos dizer que Larbaud atuava com o prazer da tradução.

Larbaud, é, então, um teórico-prático da tradução, além de tradutor do inglês para o francês, é também um grande divulgador e tradutor das literaturas de língua espanhola para o francês. Desta forma, apresentou clássicos hispânicos aos franceses, como Gómez de la Serna e Gabriel Miró, bem como levou ao conhecimento de seus conterrâneos os caminhos da literatura latino-americana de sua época através de outras

¹⁷ CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

¹⁸ Larbaud é citado por Casanova, mas o artigo originalmente está compilado em *Sous*....

traduções suas. Além disso, foi amigo, colaborador e interlocutor contumaz de autores como Gide, Claudel, Valéry e Ricardo Güiraldes.

Através de sua prática e de sua reflexão sobre a tradução como disciplina da maior importância dentro do conhecimento humano, Larbaud situa a tradução quase que em identidade com a Literatura Comparada, pois as considera indissociáveis, ao se estabelecer entre as duas um profícuo diálogo que se desenvolve e cria a teia de relações que constitui o comparatismo não apenas literário, mas humanista.

A *República Mundial das Letras* vista por Casanova em Larbaud se constitui através desse internacionalismo intelectual, só possível de ser atingido através da aproximação que faz a ponte chamada tradução. Dessa forma, a preocupação de Valery Larbaud em definir um espaço intelectual internacional se dá na medida em que percebe que o mundo literário não tem as mesmas fronteiras que o mundo político e econômico definido por outros códigos e outras cartografias. Para Larbaud, esse mundo literário não deveria sofrer o arbítrio do mundo extraliterário porque obedece a padrões diferentes.

A visão larbaudiana desse internacionalismo intelectual advém da sua percepção de que em literatura essas barreiras físicas se existem, são ultrapassadas pela tradução, produzindo a soma de dois mundos antes estranhos entre si. A tradução, em Larbaud, é, portanto, o que torna a *República Mundial das Letras* possível enquanto espaço humanístico e neste sentido é ela que mediatiza com a utópica *Weltliteratur* goetheana.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Lisboa: Edições 70, 1975.

BORDELOIS, Ivonne. *Genio y figura de Ricardo Güiraldes*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1966.

CANDAU, Joël. *Mémoire et Identité*. Paris: PUF, 1998.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

DELLEPIANE, Ángela. Introducción biográfica y crítica. In: GUIRALDES, Ricardo. *Don Segundo Sombra*. Madrid: Castalia, 1990. Edición, introducción y notas de Ángela B. Dellepiane.

GOETHE, J. W.. Literatura y política. In: *Escritos Políticos*. Edición preparada por Dalmacio Negro Pavon. Madrid: Editora Nacional, 1982.

- LARBAUD**, Valery. *Sous l'invocation de Saint Jérôme*. Paris: Gallimard, 1997 (1946).
- NEGRO PAVON**, Dalmacio. La figura de Goethe. In: GOETHE, J. W.. *Escritos Políticos*. Edición preparada por Dalmacio Negro Pavon. Madrid: Editora Nacional, 1982.
- ORTEGA Y GASSET**, José. *Miseria y esplendor de la traducción*. In: Obras completas. Tomo V. Madrid: Editorial Revista de Occidente, 1970.
- _____. Alrededor de Goethe. In: *Obras Completas*. Tomo IX. Madrid: Editorial Revista de Occidente, 1971.
- SARLO**, Beatriz.. Respuestas, Invenciones y Desplazamientos. In: _____ . *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920-1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988,
- SIRVENT RAMOS**, Ángeles. Valery Larbaud y la teoría de la traducción. In: LAFARGA, Francisco; RIBAS, Albert & TRICÁS, Mercedes (eds.). *La traducción Metodología/Historia/Literatura – Ámbito Hispanofrancés*. Barcelona: PPU, 1995.
- VÁZQUEZ-RIAL**, Horacio. *Buenos Aires 1880 – 1930*. La capital de um imperio imaginario. Madrid: Alianza Editorial, 1996
- WEISSMAN**, Frida. *L'Exotisme de Valery Larbaud*. Paris: Librairie A. G. Nizet, 1966.